

ESTILOS DE APRENDIZAJE, EDUCACIÓN EN ENFERMERÍA

Adriane Camilo Costa¹

PUC Goiás

adriane.camilo@gmail.com

RESUMO: Neste artigo procuro fazer uma análise sobre minha atuação como professora de arte no curso de Pedagogia e as mudanças necessárias para que a prática pedagógica possa acompanhar as mudanças sociais. A proposta metodológica da disciplina Arte/Educação é pensada considerando os conhecimentos prévios da classe, a quantidade de encontros e sua duração, sem deixar de dialogar com os conteúdos previamente selecionados. A disciplina acontece em uma sala específica de arte na qual a estrutura é adequada, porém a quantidade de acadêmicos em cada turma é, em média, de cinquenta pessoas o que dificulta para diálogos mais aprofundados e exposição das experiências significativas que tenham foco para a construção de sentidos e conhecimentos. A proposta pedagógica organizada a cada semestre prevê estranhar, questionar, desconfiar, zigzaguear pelas experimentações de fazer/construir e dialogar com a turma, socializar/disponibilizar materiais, apresentar o objeto construído contextualizando, significando e expondo o que foi construído individual e coletivamente para apreciação da turma. Evidencio que a autonomia do professor deve ser exercitada na escolha da metodologia e das abordagens que elege para embasamento de suas discussões e construção de conceitos com os educandos.

Refletir sobre a educação contemporânea é um exercício que muitos educadores, teóricos, professores, gestores e pessoas suscitadas pela profissão que exercem, ou atentadas pelas sociedades atuais, têm feito. Que também dialogam com seus pares, discute e sugerem alternativas e pesquisam com intensidade propostas e direcionamentos, uma vez que acreditam que a educação exerce funções fundamentais na sociedade. Trago para essa reflexão um pequeno panorama sobre o compromisso

¹Licenciada em Artes Visuais pela UFG, Mestre em Arte e Cultura Visual pela UFG, Especialista em Cinema/Educação pelo IFITEG, doutoranda em Arte e Cultura Visual na FAV/UFG. Atualmente é professora concursada na PUC Goiás e na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Cultura Visual, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, arte-educação, cinema e cultura visual. É membro do Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação da UFG e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Educação na Infância, da PUC Goiás.

<http://lattes.cnpq.br/4772871578570275>

social da escola, em específico do professor de arte. Evidencio algumas concepções de cultura visual tendo como base alguns teóricos, como: Aguirre (2009), Dias (2011), Hernández (2011), Knauss (2008). Compreendendo que a escola atual enfrenta diversos desafios na tentativa de acompanhar o ritmo das mudanças ocorridas na sociedade nos últimos tempos, penso que esperar que as mudanças aconteçam para depois - de acordo com a concepção de ensino de uma instância maior - direcionar atividades pedagógicas é ir à contramão da necessidade contemporânea de ensino aprendizagem que exige dinamicidade e atualização. Considerar as representações visuais e os artefatos culturais consumidos por nossos estudantes é essencial para o desenvolvimento cognitivo, perceptivo e crítico. É através da cultura visual que percebo possibilidades de produzir sentido no estudo das visualidades contemporâneas, do estudo da arte e da história da arte. No percurso da atividade docente ressalto que reinventar modos de questionar é disparado pelas dificuldades enfrentadas durante o inesperado e o processo da prática artística incorporado com o debate dos textos selecionados na perspectiva de diálogo entre cultura visual, arte, história da arte e educação é fundamental para uma percepção própria da arte e das visualidades presentes no nosso cotidiano.

A confiança de que forma e conteúdo são indissociáveis é essencial para compreender que as atividades pedagógicas pensadas para a arte educação não podem mais ser pensadas de maneira dicotômica - já que a o diálogo que precisa ser estabelecido entre conteúdos, contextualizações e as experiências nas mais diversas possibilidades, que sejam com textos, recepção de imagens e desafios de trabalhar com materiais diversos – devem ser percebidas como disparadoras de sentido para a construção de conhecimento expressivo. Em geral, existe uma dificuldade em compreender a arte como uma experiência estética significativa, e por isso e por outras questões que o ensino da arte ainda hoje é pautado em divisões que separam a arte em popular, erudita, de massa etc.

A construção de metodologias pedagógicas considerando o cotidiano dos jovens na expectativa de cogitar a aprendizagem que tenha sentido, que seja significativa e que incentive a visão crítica, considera que conteúdo e forma são indissociáveis. As representações visuais que fazem parte da vida desses jovens devem ser contextualizadas, discutidas e percebidas no intuito da ampliação da percepção de sentido das visualidades que compõem o cotidiano através dos diversos ambientes e meios tecnológicos e analógicos. Sob o subtítulo ‘O sujeito é indagativo, e o objeto

inerte?’ almejo evidenciar algumas inquietações suscitadas pelas(os) acadêmicas(os) no percurso das aulas de arte. As(os) estudantes, em geral, estão acostumadas(os) às regras e limites de possibilidades em explorar conceitos e saberes, e procuram realizar as atividades propostas para cumprirem a ‘tarefa solicitada’ para ter um valor em nota, e no final do semestre (ou do ano, dependendo do regimento da instituição) conseguem o ‘passaporte’ em forma de número para a próxima etapa escolar. Na perspectiva no ensino de arte modernista, a metodologia prevê a avaliação do estudante como sujeito que investiga, indaga e pesquisa sobre um objeto artístico inerte. Que o objetivo maior é cumprir os processos e regras de conceitos pré-estabelecidos para compreender e apreender sobre o objeto artístico e o artista. Considerar o estudante como sujeito acrítico e que deve reproduz o que foi estabelecido para a construção de saberes é ingênuo, e está na contramão da concepção da educação contemporânea descritas como crítico-social, libertária e libertadora. A concepção da cultura visual para o ensino de arte prepara o educando para ser crítico, reflexivo, independente e autônomo e corrobora para a compreensão do mundo através das imagens. O compromisso educacional para uma vida melhor é o que me move como professora de arte. Acredito que a concepção da educação contemporânea compreende nossa realidade histórica e social, e que essa concepção pode ser mediadora de uma mudança significativa de transformação de consciência dos educandos. A Arte-educação é uma disciplina que pode (e deve) contribuir com a formação de sujeitos reflexivos, autônomos e críticos, e que ponderam que forma e conteúdo são indissociáveis na construção das realidades sociais nas quais eles são parte ativa. Nesta vertente, dialogo com as contribuições da cultura visual na educação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; educação; cultura visual.

Neste trabalho procuro fazer uma análise sobre minha atuação como professora de arte no curso de Pedagogia e as mudanças necessárias para que minha prática pedagógica possa acompanhar as mudanças sociais. Evidencio que a autonomia do professor deve ser exercitada na escolha da metodologia e das abordagens que elege para embasamento de suas discussões e construção de conceitos com os educandos. Trago um pequeno panorama sobre o compromisso social da escola, em específico do professor de arte. Explano algumas concepções de cultura visual tendo como base alguns teóricos, como: Aguirre (2009), Dias (2011), Hernández (2011), Knauss (2008). Em geral, existe uma

dificuldade em compreender a arte como uma experiência estética significativa, e por isso e por outras questões que o ensino da arte, ainda hoje, é pautado em divisões que separam a arte em: popular, erudita, de massa etc. Nesta vertente, dialogo com as contribuições da cultura visual na educação contemporânea.

Introdução

Refletir sobre a educação contemporânea é um exercício que muitos educadores, teóricos, professores, gestores e pessoas suscitadas pela profissão que exercem, ou atentadas pelas sociedades atuais, têm feito. Que também dialogam com seus pares, discute e sugerem alternativas e pesquisam com intensidade propostas e direcionamentos, uma vez que acreditam que a educação exerce funções fundamentais na sociedade.

Atuo como professora de arte no curso de Pedagogia há uns anos e tenho acompanhado algumas dessas discussões ora de forma contemplativa, ora envolvida em debates e proposições. Neste artigo pretendo estabelecer um diálogo entre os caminhos que percorricomo professora de arte, e algumas ideias de teóricos sobre ensino de arte, concepções de cultura visual e alternativas metodológicas que antecipo sobre direcionamentos que pretendo adotar como professora que acolhe provocações.

A cada semestre reelaborominha proposta de trabalho (ou Plano de Ensino) das turmasdo sexto período doCurso de Pedagogia com as quais irei trabalhar. É sempre um desafio, pois procuro fazer reflexões avaliativas do semestre anteriornesta reelaboração:conjecturo sobre o que foi mais bem aproveitado em relação à construção de conhecimentodas(os) acadêmicas(os).Esta reelaboração é suscitada pela inquietação em estabelecer e provocar diálogos mais atuais sobre o ensino de arte e o mundo imagético contemporâneo.

A ementa da disciplina Arte Educação, da qual sou professora, do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, está assim elaborada:

Arte: seu significado e importância histórica na relação Vida-Arte-Educação; os elementos constitutivos da Arte como mediadores do processo ensino-aprendizagem, sensibilizadores e estimuladores da imaginação, do desenvolvimento perceptivo e cognitivo, do

conhecimento e da criatividade expressiva das diferentes linguagens artísticas.

Quando assumi a disciplina a ementa já existia e, por questões de organização da instituição, assim permanece até o momento. Esta ementa abre precedentes para a elaboração de proposta de conteúdos ampla e dilatada, sendo possível trabalhar na relação ‘Vida-Arte-Educação’ do ponto de vista da cultura visual, da educação e da história da arte. Alguns estudiosos sobre a cultura visual e a educação contribuem para minha construção profissional questionadora e reflexiva. Fernando Hernandez traz para reflexão sobre as estratégias de aprender e de experiências de relação pedagógica em seu texto A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito (HERNÁNDEZ, 2011, p.38): “Como favorecer a mudança de posicionamento dos sujeitos de maneira que passassem a constituir-se de receptores ou leitores e visualizadores críticos.” Cogitar os universos das artes e da cultura visual com sujeitos na premissa de estabelecer relações é uma questão metodológica que precisa ser pensada e organizada considerando aspectos epistemológicos e políticos.

A proposta metodológica da disciplina é pensada considerando a quantidade de encontros e sua duração². A disciplina acontece em uma sala específica de arte na qual a estrutura é adequada, porém a quantidade de acadêmicos em cada turma é, em média, de cinquenta pessoas o que dificulta para diálogos mais aprofundados e exposição das experiências significativas que tenham foco para a construção de sentidos e conhecimentos.

A proposta pedagógica organizada a cada semestre prevê estranhar, questionar, desconfiar, ziguezaguear pelas experimentações de fazer/construir e dialogar com a turma, socializar/disponibilizar materiais, apresentar o objeto construído contextualizando, significando e expondo o que foi construído individual e coletivamente para apreciação da turma. E assim criar um ambiente “*culturalmente rico e fazer das artes um âmbito onde recriar, pôr a prova e representar experiências de vida*” (Aguirre, 2009 p. 170). Descrever o processo não é o caso no momento, pois como mencionado estabeleço um diálogo sobre o ensino de arte, algumas concepções de

² A disciplina acontece em dois encontros por semana, um encontro com duração de três horas e o outro com duração de uma hora e meia.

cultura visual e alternativas metodológicas que permitem pensar uma proposta educacional favorável.

O compromisso educacional para uma vida melhor

A escola atual enfrenta diversos desafios na tentativa de acompanhar o ritmo das mudanças ocorridas na sociedade nos últimos tempos, esperar que as mudanças aconteçam para depois - de acordo com a concepção de ensino de uma instância maior - direcionar atividades pedagógicas é ir à contramão da necessidade contemporânea de ensino aprendizagem que exige dinamicidade e atualização. Aguirre (2009) discorre sobre o compromisso educacional para melhorar a vida.

Quando decidimos qual é o âmbito da nossa ação educacional, estamos adotando um compromisso ético. A forte carga ética e estética que acompanha muitos dos artefatos culturais, que nossos estudantes consomem hoje, empurra-nos a fazer frente à situação, partindo de onde a experiência estética está surgindo, os artefatos e situações que a estão gerando. Não se trata de impor formas de arte supostamente refinadas a outras que cremos não sê-lo. Trata-se, pelo contrário, de tomar o enriquecimento da capacidade sensível para viver esteticamente (e eticamente) no eixo da ação educacional. Estou tentando (...) afinar os últimos detalhes de uma ferramenta educacional para o desenvolvimento vital dos sujeitos, quer dizer, de um instrumento útil par melhorar a vida. (p.170)

Portanto, considerar as representações visuais e os artefatos culturais consumidos por nossos estudantes é essencial para o desenvolvimento cognitivo, perceptivo e crítico. É através da cultura visual que percebo possibilidades de produzir sentido no estudo das visualidades contemporâneas, do estudo da arte e da história da arte. Segundo Hernández (2011, p.34), “a cultura visual aparece como uma referência para situar uma série de debates e metodologias, não só sobre visão e imagem, mas também sobre as formas culturais e históricas da visualidade”.

Sabemos que a escola do nosso século deve ser um lugar onde se aprende com sentido, porém os professores e/ou profissionais da educação estão em busca dos próprios sentidos dos conteúdos estabelecidos (ou pré-estabelecidos) nos currículos. Alguns profissionais da educação buscam conexões entre arte, conteúdo e vida para construir conhecimento significativo. Hernández (2011) propõe organizar um currículo

integrado a partir de problemas desafiantes. Acredito que os desafios que alguns problemas possam suscitar sejam também para os professores que precisam se preparar buscando conhecimentos mais abrangentes que extrapolam os disciplinares. Hernández diz que,

a concepção de um currículo disciplinar é uma forma hegemônica de colonização e de enquadramento do que se fazer e aprender na escola. Sou mais partidário de um currículo integrado organizado a partir de problemas desafiantes que necessitam do conhecimento disciplinar – e não disciplinar – para procurar, assim, respostas possíveis e propor novas perguntas (...) As artes, a partir de sua consideração de práticas culturais, estariam presentes na hora de realizar explorações rizomáticas sobre as problemáticas que os estudantes, a escola e a comunidade decidam afrontar com a finalidade de interrogar e expandir os sentidos do desejo de aprender sobre si mesmo, os outros e o mundo. (2011, p.43)

Nesta perspectiva, também a formação continuada do professor deve ser uma constante com formações direcionadas para a formação integral dos sujeitos.

Forma e conteúdo são indissociáveis

Reinventar modos de questionar é disparado pelas dificuldades enfrentadas durante o inesperado e o processo da prática artística incorporado com o debate dos textos selecionados na perspectiva de diálogo entre cultura visual, arte, história da arte e educação é fundamental para uma percepção própria da arte e das visualidades presentes no nosso cotidiano. A confiança de que forma e conteúdo são indissociáveis é essencial para compreender que as atividades pedagógicas pensadas para a arte educação não podem mais ser pensadas de maneira dicotômica -já que a o diálogo que precisa ser estabelecido entre conteúdos, contextualizações e as experiências nas mais diversas possibilidades, que sejam com textos, recepção de imagens e desafios de trabalhar com materiais diversos – devem ser percebidas como disparadoras de sentido para a construção de conhecimento expressivo.

Em geral, existe uma dificuldade em compreender a arte como uma experiência estética significativa, e por isso e por outras questões que o ensino da arte ainda hoje é pautado em divisões que separam a arte em popular, erudita, de massa etc. Aguirre

posiciona-se de maneira contundente sobre essa divisão entre os saberes da arte apoiado no ponto de vista da cultura visual, e que

No final das contas, o que realmente importa, do ponto de vista educacional e da formação pessoal, é que todas essas formas de manifestação cultural, populares, cultas, canônicas ou de massa, sejam entendidas como diferentes respostas a necessidades análogas de expressão ou experiência estética. Quer dizer, que os jovens não vivam como mundos distintos daquilo que corresponde a impulsos vitais análogos e a necessidades anímicas similares, ideológicas e, inclusive, políticas. (AGUIRRE, 2009, p.170)

A maneira como Aguirre se refere ao ponto de vista educacional e da formação pessoal é direta e envolve a perspectiva da formação integral dos sujeitos da contemporaneidade. O caminho incerto vivenciado, discutido e avaliado sinaliza as possibilidades do trabalho mais amplo e significativo com os estudantes. O confronto com o desconhecido, com conceitos novos e também àqueles que não paramos para pensar sobre eles e apenas são reproduzidos para os estudantes o que nos foi proporcionado, devem ser revisto e confrontado pelo professor, que na expectativa da educação atual e significativa precisa se perceber nesse caminho incerto e de construções contínuas.

Nesse sentido, a desconstrução de discursos e de métodos de produção de conhecimento pré-estabelecidos precisam sair do campo das discussões teóricas e se efetivarem no campo educacional abertamente com os estudantes. A autonomia do professor e dos estudantes deve, de fato, ser exercida numa nova proposta educacional. A figura do professor como o possuidor do conhecimento a ser compartilhado com os estudantes ainda persiste no imaginário da maioria das pessoas, que sejam os pais, gestores, estudantes e quiçá, alguns professores. Contudo, as novas tecnologias e meios de informação e comunicação têm modificado a maneira das pessoas adquirirem conhecimento, e a escola, em sua maioria, ainda ignora as mudanças sociais e cotidianas dos jovens, e se mantém recolhida no que se pretende trabalhar na perspectiva da construção de conhecimento significativa, que faça sentido para a vida. É importante pensar no cotidiano como 'tempo/espço' mais abrangente que o dia-a-dia. Dias evidencia a importância da visão crítica como prática de educação da cultura visual e da

percepção do cotidiano, também como o tempo/espço é construído, percebido e alterado na/pela cultura.

O cotidiano é em si um espaço/tempo que informa o espetáculo de categorias sociais identitárias da nossa cultura. E a juventude faz uso da bricolagem, no cotidiano, como uma tentativa autônoma de construir e rerepresentar sua percepção destas performances culturais. Portanto, uma prática de educação da cultura visual que destaque as representações visuais do cotidiano espetacular é uma experiência pedagógica significativa porque fornece uma miríade de oportunidades para cingir e adotar uma visão diversa da cultura, que não somente resiste acriticamente às representações visuais, mas incentiva a visão crítica como uma prática que desenvolva a imaginação, a consciência social e um sentido de justiça. (DIAS, 2011, p.25)

A construção de metodologias pedagógicas considerando o cotidiano dos jovens na expectativa de cogitar a aprendizagem que tenha sentido, que seja significativa e que incentive a visão crítica, considera que conteúdo e forma são indissociáveis. As representações visuais que fazem parte da vida desses jovens devem ser contextualizadas, discutidas e percebidas no intuito da ampliação da percepção de sentido das visualidades que compõem o cotidiano através dos diversos ambientes e meios tecnológicos e analógicos.

“Não podemos mais continuar a nos ver, como educadores, no papel de transmissores de verdades, nem de desveladores de significados, sejam estes os da arte, ou dos artefatos da cultura visual” (Aguirre, p.181), pois já não somos, como educadores, vistos como detentores de verdades por nossos alunos que nos questionam por terem acessos a outras informações em espaços diversos, informações quase que onipresentes através de veículos de comunicação e informação, proporcionados pela internet, por exemplo.

O sujeito é indagativo, e o objeto inerte?

Os estudantes, em geral, estão acostumados às regras e limites de possibilidades em explorar conceitos e saberes, e procuram realizar as atividades propostas para cumprirem a ‘tarefa solicitada’ para ter um valor em *nota*, e no final do semestre (ou do

ano, dependendo do regimento da instituição) conseguem o ‘passaporte’ em forma de número para a próxima etapa escolar. Na perspectiva no ensino de arte modernista, a metodologia prevê a avaliação do estudante como sujeito que investiga, indaga e pesquisa sobre um objeto artístico inerte. Que o objetivo maior é cumprir os processos e regras de conceitos pré-estabelecidos para compreender e aprender sobre o objeto artístico e o artista.

Considerar o estudante como sujeito acrítico e que deve reproduz o que foi estabelecido para a construção de saberes é ingênuo, e está na contramão da concepção da educação contemporânea descritas como crítico-social, libertária e libertadora. A concepção da cultura visual para o ensino de arte prepara o educando para ser crítico, reflexivo, independente e autônomo, corrobora para a compreensão do mundo através das imagens.

Existem concepções e definições para a cultura visual. Knauss de maneira sucinta e coesa faz um esboço destas definições elencando seus teóricos e autores:

É preciso, portanto, considerar duas perspectivas gerais na definição de cultura visual: uma restrita e outra abrangente. Ambas se afastam na consideração sobre a historicidade da cultura visual. Dito de outro modo: a primeira entende a cultura visual de modo restrito, na medida em que ela corresponde à cultura ocidental, marcada pela hegemonia do pensamento científico (Chris Jenks) ou na medida em que a cultura visual traduz, especificamente, a cultura dos tempos recentes marcados pela imagem virtual e digital, sob o domínio da tecnologia (Nicholas Mirzoeff); a segunda perspectiva, que abarca diversos autores (com destaque para W. J. T. Mitchell e Martin Jay), considera que a cultura visual serve para pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades.(...) Nota-se uma tendência forte que valoriza a cultura visual para desnaturalizar o conceito de arte e o estatuto artístico. (KNAUSS, 2008, p.157)

Desnaturalizar o conceito de arte e dessacralizar o objeto artístico consiste em contribuir com outras narrativas para o ensino de arte significativo.

Estamos hoje inseridos num universo imagético. Imagens que nos constituem culturalmente. Imagens de diferentes formas, veiculadas por diversos meios, produzidas por intenções variadas (mas nunca ingênuas), imagens que nos diz de nós mesmos, que nos nega e nos insere em contextos múltiplos. Nesta premissa, aprendoo ensino de arte

na concepção da cultura visual, e que ela possa contribuir para a educação reflexiva e crítica que tencionamos na educação contemporânea.

Na perspectiva da cultura visual, o educando carece ser crítico, reflexivo, independente, autônomo e indagativo que culturalmente está sendo construído, modificado e orientado. Nesta expectativa o objeto visual não é inerte.

Conclusão

O compromisso educacional para uma vida melhor é o que me move como professora de arte. Acredito que a concepção da educação contemporânea compreende nossa realidade histórica e social, e que essa concepção pode ser mediadora de uma mudança significativa de transformação de consciência dos educandos. A Arte-educação é uma disciplina que pode (e deve) contribuir com a formação de sujeitos reflexivos, autônomos e críticos, e que ponderam que forma e conteúdo são indissociáveis na construção das realidades sociais nas quais eles são parte ativa.

As mudanças na educação, e também em outros setores sociais, exigem dinamicidade e atualização. Nesta direção, considero que processos metodológicos não devam perder de vista a importância que a aprendizagem precisa possuir significado para que o educando possa ressignificar o que lhe é proposto para que outros conceitos sejam elaborados, exercendo assim a reflexão e autonomia crítica provocada pela mediação do professor.

Refletindo sobre arte, cultura visual, educação, compromisso social e minha prática docente, percebo que dar significado à educação é conseguir com que o educando busque o conhecimento para construção pessoal e social, e que cumprir as tarefas solicitadas pela disciplina seja uma das etapas para sua busca da autonomia e aprendizagem significativa. Sendo assim, costumo pedir para que realizem as atividades para si em primeiro lugar, ou seja, para a busca do conhecimento, reflexão e construção de significado.

Bibliografia

AGUIRRE, I. Imaginando um futuro para a educação artística. *In:* MARTINS, R.; TOURINHO, I. (orgs.). **Educação na Cultura Visual:** narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.157-186.

DIAS, B. Cotidiano, prática escolar e visualidades: o cotidiano espetacular e as práticas pedagógicas críticas. **Salto para o Futuro:** cultura visual e escola, v.XXI, n.9, p.22-29, Agosto, 2011.

HERNÁNDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In:* MARTINS, R.; TOURINHO, I. (orgs.). **Educação da Cultura Visual:** conceito e contextos. Santa Maria. Editora da UFSM, 2011. p.31-49.

KNAUSS, P. Aproximações disciplinares: história, arte, imagem. **Anos 90.** Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.151-168, dez. 2008.